



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 20, n. 5, art. 4, p. 77-100, mai. 2023

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2023.20.5.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Modos de Vida Margeados por Saberes e pela Cultura Rural-Ribeirinha na Comunidade do Pirocaba, Abaetetuba, Pará

Ways of Life Embroidered by Knowledge and Rural Riverside Culture in the Pirocaba of Community, Abaetetuba, Pará

Luiz Cleibson Ferreira Amaral

Graduado em Pedagogia pela UFPA
luizcleibson9@gmail.com

Eliana Campos Pojo Toutonge

Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP
lilicapujo@gmail.com

Rosenildo da Costa Pereira

Doutorado em antropologia pela UFPA
Mestre em educação pela UEPA
rosenildopereira@gmail.com

Endereço: Luiz Cleibson Ferreira Amaral

R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brasil.

Endereço: Eliana Campos Pojo Toutonge

R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brasil.

Endereço: Rosenildo da Costa Pereira

R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 30/03/2023. Última versão recebida em 10/04/2023. Aprovado em 11/04/2023.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo aborda os modos de vidas dos moradores da comunidade rural-ribeirinha de Pirocaba, em Abaetetuba-PA, tratando da cultura, do saber e da vida construída no mover-se e no habitar o ambiente local. Para isso, recorreremos ao estudo bibliográfico e à pesquisa de campo. Como resultado do estudo, podemos dizer que a comunidade pesquisada é rica em produção de saberes locais, bem como sua cultura é ressignificada diariamente a partir do pensar, agir, fazer e habitar o espaço geográfico rural-ribeirinho.

Palavras-chave: Ribeirinhos. Saberes Locais. Modos de Produzir Conhecimento.

ABSTRACT

This article addresses the ways of life of residents of the rural-riverside community of Pirocaba, in Abaetetuba-PA, dealing with culture, knowledge and life built on moving and inhabiting the local environment. For this, we resorted to bibliographical study and field research. As a result of the study, we can say that the researched community is rich in the production of local knowledge as well as its culture is re-signified daily from thinking, acting, doing and inhabiting the rural-riverside geographic space.

Keywords: Riverside People. Local Knowledge. Ways of Producing Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

O artigo propõe-se a discutir a cultura local associada com o saber ribeirinho da comunidade rural-ribeirinha de Pirocaba, em Abaetetuba-PA, o que conduz a especificar um tipo de modo de vida experienciado por seus moradores no ordinário da vida. Para isso, circulamos por conceitos e extratos de vida dos/as ribeirinhos/as que abarcam a natureza, isto é, o ambiente onde estes sujeitos habitam e são ativos. Logo, perpassa por processos identitários que constitui o ser ribeirinho bem como a cultura local, como ação do povo¹ das águas em mediação com a natureza do lugar, suas produções, produtores e agentes dessa cultura. Por fim, elucidamos o saber, um produto do intercâmbio entre todos esses elementos.

Esta interface complexa e instigante se fundamentará nos pressupostos de autores como Brandão (2015, 2007) em seu entendimento antropológico e educativo nos aspectos acima mencionados. E, ainda, busca-se sustentação nas obras da Comissão Pastoral da Terra (2006, 2009) com os argumentos que dão validade aos saberes e à cultura, em especial considerando o contexto e dinâmica de vida ribeirinha, somado ao trabalho de campo realizado na comunidade pesquisada.

2 METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois busca analisar as relações de transmissão, assimilação e produção de saberes do povo, tomando as relações entre pessoas, fatos e necessidades. Trata-se de uma pesquisa que procura captar os processos e suas formas de construção do conhecimento, nas lógicas de pensar-agir-fazer, com base em referenciais teóricos e no campo empírico, a partir das vivências de moradores da comunidade Pirocaba.

No estudo bibliográfico, houve a leitura e análise dos referenciais, fazendo uma revisão da literatura sobre o que é existente sobre o tema. Quanto à pesquisa de campo na comunidade Pirocaba², adentramos o ambiente natural do lugar e interagimos com os moradores com vistas a vivenciar, observar, coletar e registrar os modos de circulação e apropriação dos saberes. Para a construção dos dados, como mencionamos foram realizadas

¹ Sobre povo, estamos entendendo assim, “São sociedades que ocupam territórios, socializam restritamente a natureza, relacionam-se com outros grupos tribais, enfim, realizam-se sem, fora da ou à margem da *sociedade regional*” (BRANDÃO, 2012, p. 368, grifos do autor).

² No Protocolo de Consulta da Comunidade Pirocaba (ASAPAP, 2018), define-se como Comunidade do Pirocaba: “moradores(as) de todas as comunidades que estejam dentro do limite entre o início do Rio Tauerazinho (onde se dá o encontro das águas entre o Rio Tauerazinho, o Rio Pirocaba e o igarapé Pindobal, no furo da Curupira) e o início do Rio Jarumã (onde deságua o Rio Pirocaba), continuando o limite do Tauerazinho, Tauerá de Beja, Ramal do Maranhão, Apeí e o Jarumã Centro” (p. 13).

observações, registros fotográficos e entrevistas com moradores adultos e crianças, visando conhecer os saberes advindos de sua formação social no contexto ribeirinho. Nos atemos às suas ações nos espaços da natureza como o rio e a mata, suas interações por entre fazeres como remar ou pescar, suas vivências com os animais e no trabalho da extração de açaí, além das criações artísticas de utensílios e outras formas de representação. Ainda, convém informar que estivemos atentos à ética da pesquisa com humanos e em territórios tradicionais, logo foram tomados todos os procedimentos de consentimentos e as devidas autorizações (BRANDÃO, 2007).

Estruturamos este trabalho da seguinte maneira. Além desta Introdução, com base em teóricos do tema e na contextualização na vida ribeirinha, buscamos discutir as relações natureza-cultura-humano, considerando a própria produção de vida. Na sequência, abordamos os saberes e práticas cotidianas, para isso trazemos as vozes, sentidos e outros registros da observação que retratam a vida dos moradores das margens. E, nas considerações finais, apresentamos alguns resultados da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte elucidamos as relações natureza-cultura-humano, em movências com o fazer-saber que circunda a vida ribeirinha.

3.1 Natureza

A natureza se integra inteiramente aos que nela habitam. O ser humano faz parte do meio como um ser integrante da fauna, da flora, da paisagem local etc. Interligado a natureza, o ser humano habita, se alimenta, se reproduz e se produz com e na cultura. Ou seja, ao mesmo tempo em que este homem é parte da natureza ele pode modificá-la, sendo suas ações de profundo intercâmbio, de trocas positivas ou não. Sobre essa questão, Brandão (2015, p. 43, grifos do autor) assinala que “A natureza é o mundo que somos, de quem somos parte, e é também o mundo em que nos é dado viver. A *cultura* é o mundo que transformamos da natureza, em nós, à nossa volta e para nós”. Essa visão do autor, que define a natureza como o mundo que nos é dado viver, mundo natural que se encontra recheado de elementos e paisagens tais como o clima, a vegetação, redes hidrográficas, geológicas, a fauna e a flora entre outros que caracterizam determinados ambientes.

No caso, tratamos do ambiente natural e social amazônico, mais especificamente a natureza do território do município de Abaetetuba-PA que faz parte do conjunto dos territórios que compõe a região do Baixo Tocantins, no estado do Pará. Nesse ambiente abaetetubense, encontra-se o *lócus* da pesquisa, a comunidade Pirocaba situada na área de ilhas.

Sobre o território abaetetubense, Machado (2008, p. 10-11) compreende como de “domínios da floresta latifoliada amazônica que apresenta como característica geral a “abundância de lianas (cipós) e espíritas (trepadeira)”, uma variedade de árvores e outros plantios formando assim uma floresta fechada na qual “a umidade relativa do ar é elevada, em média 85% com amplitude de variação entre 81% e 90%”; o calor favorece o desenvolvimento de uma floresta densa, mais a presença dos rios e adjacentes que condensam um grande volume de água. Ainda, segundo o autor, nesta região de Abaetetuba registra-se “a existência de florestas de terra firme e florestas de várzeas”, sendo tais características naturais visíveis também na comunidade Pirocaba.

Destaca-se ainda que o espaço amazônico da região do Baixo Tocantins e, em especial em Abaetetuba, possuem um complexo de rios, igarapés e furos, de florestas e matas, de área de várzea. No município, os rios abundam nas localidades, povoados e territórios; são as vias de locomoção mais utilizadas pelos povos que habitam as localidades de várzea, em ilhas ou rios. Tal locomoção depende de algumas especificidades da região, as marés, as chuvas, em suma a temporalidade das águas (POJO, 2017). As águas com suas marés ditam o momento, o início e o término de ações, das rotinas e de práticas gestadas pelo povo ribeirinho. Há várias marés: cheia, vazante, preamar, lançante, quebra, repiquete. Além dessas marés, há o fenômeno da *tapecuema*³, que diz respeito à lua influenciando nas marés dando visibilidade a algumas partes do rio não vistas nas ditas marés normais, ou seja, nos dias e horários deste fenômeno a água do rio fica extremamente seca.

Nesse arsenal aquático, a fauna é abundante, destacando a espécie dos camarões de água doce, de peixes como mapará, arerú, tucunaré, acari, tralhoto, poraque, mandubé, ituí, turú, jacundá, caratinga, arraia, sarará, pirarára, cachorro de padre/anujá, pratiqueira etc. É uma imensidão de águas e vidas transitando por espaços e meios aquáticos que fazem parte da paisagem ribeirinha, sem contar na serventia dos recursos constantes nela como o alimento para cadeia de seres vivos que ali habitam.

³Esta expressão e demais fragmentos do povo, utilizamos, neste contexto, com a forma do itálico devido serem expressões de uso local bem como dar valor ao saber desses sujeitos.

Na terra, o clima quente e o alto índice de chuva cooperam para a formação de uma ampla vegetação alta e fechada. Esta vegetação se diferencia dependendo da característica do solo onde se encontra. O solo da floresta de várzea, onde a terra é encharcada devido ao fluxo das marés, as espécies que ali crescem são adaptadas ao grande volume de água que se encontra, são presentes neste espaço os açazeiros, mangueiras, mangueiros, jambeiros, taperebazeiros, miritizeiros/buritizeiros, cacueiros, árvores de jenipapo, bananeira, ingá etc. Nesse espaço natural, a área de terra firme constituída de florestas e matas há outras variedades de vegetação como a areia e a argila, a exemplo, encontram-se neste solo a castanheira, tucumãzeiro, maniva, laranjeira, ameixeira, piquiazeiro, anajazeiro, jutaí etc. (MACHADO, 2008).

A fauna das florestas também são em grande quantidade, animais que rastejam, no solo encharcado ou firme, se locomovem nos galhos, cipós ou mesmo no ar ou na água. Habitam neste espaço as mocuras, macacos, tamanduás, corocas, socós, saracuras, tatus, cuandus, aruás, quatis, perêmas. Entre tantas vidas nestes espaços, há espécies da flora que não são comestíveis, a exemplo a Ioioca que é um fruto semelhante pela cor e tamanho ao taperebá, mas não é comestível. E há espécies que crescem e se desenvolvem em ambos os solos, como o ingá e a bacabeira. A mesma característica se observa na fauna, há animais que o homem pode consumir como alimento e outros não, por exemplo, o peixe tralhoto que não serve de alimento aos humanos. E ainda há espécies que habitam ambos os solos como o pato e os tatus.

Na comunidade Pirocaba tais características pulsam no cotidiano. Por ora, vimos como importante dizer que a área territorial da comunidade compõe-se de rios, de terra firme, de várzea, praias, além da flora e da fauna com características bastante semelhantes ao descrito do município de Abaetetuba. Algo bastante marcante na vida cotidiana dessa comunidade e, também, presente na dinâmica social do município são as travessias e os constantes deslocamentos das pessoas marcados pelo tempo e curso das águas, ou seja, na comunidade há um horário específico para se deslocar no rio. Se uma pessoa que mora na região das estradas quiser ir em uma embarcação de grande porte para a região das praias, ela só conseguirá com a maré cheia. Como vimos, as travessias de um espaço a outro obedecem ao tempo das águas com marés específicas.

Complementando ainda tal descrição da natureza e sua multiplicidade, Brandão (2015) em referência à evolução natural assinala que:

Aos poucos a natureza gerou seres vivos unitária e organicamente mais complexos e diferenciados. E seres que assim foram se tornando e transformando, porque, de espécie em espécie e na própria trajetória da evolução de cada uma delas, desenvolveram sistemas internos de interações da vida cada vez mais flexíveis, mais diversos e mais elaborados de trocas com o meio ambiente, com outros seres vivos e com indivíduos e coletividades de sua própria espécie (2015, p. 52).

Ou seja, a natureza é ressignificada por habitantes humanos, assim esta visão pode ser inteiramente associada ao ambiente do Pirocaba, pois eles habitam as margens dos rios, matas e florestas, se servem dos meios naturais para sua sobrevivência, sendo, portanto, o espaço dado pela natureza e por seus antepassados que ali viveram. Também, é oportuno trazer novamente a primeira citação do autor que menciona “A natureza é o mundo que somos, de quem somos parte, e é também o mundo em que nos é dado a viver” (p. 43), para reafirmar que os seres presentes no planeta terra são também natureza, assim a flora e fauna, como exemplos, mantêm relações com os outros seres e com o ambiente.

3.2 Ribeirinho/a

O/A ribeirinho/a, como mencionado, é um ser integrante e parte da natureza. Outra definição para o termo é a do dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009) que o define como o “1. Que anda ou vive pelos rios ou ribeiras. 2. Que se encontra ou vive próximo a rios ou ribeiras [...]”. Partindo-se desta definição, trata-se da vida de homens e mulheres das ribeiras, os quais vivem às margens dos rios, igarapés, furos, nas beiras e beiradas onde possuem centenas de cursos d’água. Na comunidade pesquisada, existe o espaço de rio como o Pirocaba; os furos: do Pirocaba, Seco do Furo, Curupira, Tucupi, Coqueiro; o igarapé da ponte, Pindobal, além dos espaços das baixas que são nascentes e afluentes. Em todos esses espaços vivem pessoas. Pessoas com identificações próprias conforme é citado no dicionário. Vejamos como estas duas moradoras das margens identificam-se, morando nesses espaços:

Me considero nativa e sou ribeirinha não somente por morar aqui, mas por carregar comigo os costumes, as raízes que aprendi com meus avós e meus pais (Sra. Dulcilene B. Ferreira, entrevista em 11/2021).

Me identifico enquanto ribeirinha por conta dos meus antepassados que sempre viveram as margens dos rios e igarapés da comunidade e foram eles que me ensinaram a importância do rio, da floresta e da mata para nossa sobrevivência (Sra. Dilmara S. Araújo, entrevista em 11/2021).

Estes relatos evidenciam que os moradores desse contexto vivem integrados ao espaço de águas e das matas. Eles interligam-se ao mundo natural em seu conjunto, isto é, se prendem dinamicamente. Os moradores das margens desbravam os rios com seu trabalho

árduo de pescaria, realizam o trânsito pelas águas transcorrendo uma diversidade de furos e rios, por isso conhece cada passagem do rio, os lugares onde há tronqueiras⁴, peixes, onde a maré seca ou fica funda. Ainda nesse conjunto natural, nas matas o povo dos rios sabe o melhor momento para caçar, sabe situar-se pelos caminhos, sabe das ervas curativas, saberes locais, situados, patrimoniais visíveis nos diálogos e registros dos moradores do Pirocaba.

Esses homens e mulheres das margens, literalmente, são conhecedores e contempladores da natureza, na medida em que têm habilidades, destreza e sabedoria perante a floresta e, ainda, com respeito ao tempo da natureza e suas interações. Estes vivem o saber prático e de contemplação, conflitos e aprendizados, interagindo com outros moradores e com o meio natural.

O povo ribeirinho, dessas comunidades especificamente, possui um modo de vida atrelado à natureza e aos recursos naturais e conhece, por experiência, os desafios encontrados e enfrentados na realidade social e cotidiana em que vive. As intempéries da natureza não o amedrontam, muito pelo contrário, há respeito, não medo (POJO *et al.*, 2014, p. 178).

O povo do rio Pirocaba são sujeitos que esquadriham no conjunto, rio e mata, caracterizando-se, como já mencionado, por habitar as margens dos rios ou ribeiras, e ainda, por manter uma profunda relação de respeito e trocas com o ambiente em que vive e é parte. Nesse sentido, um dos moradores assim relata: *Aqui eu como caboco ribeirinho que sou me encontro, encontro minhas referências e este chão é minha vida. É o local onde se vive em paz* (Sr. Luiz F. Amaral, entrevista em 11/2021). Estes seres humanos, amazônidas, moradores das margens do rio Pirocaba ou de outros rios são conhecidos como ribeirinhos.

3.3 Cultura

Os/As cidadãos/ãs ribeirinhos/as são pessoas que criam e se criam a partir da natureza, são produtores de cultura. Possuem uma profunda relação de troca com o meio em que vivem e em sua necessidade extraem e cultivam muitos recursos disponíveis na terra e nos rios. Esta relação com o meio é geradora do trabalho na vida cotidiana, na qual eles criam coisas, códigos e crenças, como consequência desta ação integrada, natureza-cultura-humano, produzem história, processos identitários, produzem sua própria existência. Em consonância com este entendimento, mais uma vez as palavras de Brandão (2015) são relevantes aqui:

[...] tudo o que criamos é cultura. Tudo aquilo o que nós, os seres humanos, desde algum dia e ininterrompidamente até hoje incorporamos ao mundo através de nosso trabalho motivado, reflexivo e dotado de significados, constitui o conjunto ordenado

4 Tronco de árvores preso no fundo do rio que dificulta a navegação.

de nosso *mundo de cultura*. Assim, [...] podemos imaginar que a cultura envolve, articula e faz interagirem as múltiplas unidades e os diferentes sistemas de coisas, de objetos, de técnicas de relacionamento com a natureza (a pesca, a caça e a agricultura), de processos sociais de saberes (da culinária à filosofia), de complexos de valores e as suas gramáticas e regras de posições e de relações sociais: quem é quem é quem para quem? Quem pode ou deve fazer o que com quem? (2015, p. 88, grifos do autor).

Nesse sentido, trata-se de um território de lutas. Luta-se, por vezes, contra o estado, que teima em sucumbir o sentido coletivo, o saber e a cultura do povo e, sobretudo, quando ameaça os modos de vidas e as populações do/no território.

Na sequência, e visando a um melhor entendimento acerca da cultura, ilustramos com apontamentos com base nos valores, crenças e criações do pequeno mundo rural ribeirinho da comunidade Pirocaba.

3.4 Os valores

Quando Brandão (2015) afirma que a cultura envolve processos sociais e complexos de valores, este faz menção às relações e regras de condutas que são desenvolvidas na sociedade. No caso dos sujeitos ribeirinhos, os valores também possuem peculiaridades a partir do contexto, a partir de situações vividas no cotidiano. Por exemplo, desde pequenas as crianças são ensinadas a respeitar seus familiares e vizinhos, e uma forma prática expressa é a *benção*, isto é, as crianças *tomam benção*, um sinal que representa respeito para com adultos: os seus pais, tios, avós, padrinhos ou até os anciãos da comunidade. Ao chegar ou sair em algum lugar com grande número de pessoas, como em celebrações ou reuniões, estes cumprimentam cada um, segurando as mãos.

Outro exemplo, trata do valor de uma partilha. Quando um pescador pega uma quantidade considerável de peixes, é de costume ele distribuir com os vizinhos a colheita de sua pescaria. Ou ainda, quando falta algo na despensa de uma família e está se precisando com urgência, recorre-se aos vizinhos para emprestar, assim fazem empréstimo de produtos como o açúcar, a farinha, o açaí etc.

Ainda nessa direção, existe também a presença do trabalho em mutirão entre os ribeirinhos/as, eles e elas se ajudam em *roçagem*, construções de casa. As imagens a seguir são de um dia de mutirão em que cooperam com outros, moradores da comunidade:

Fotos 1, 2 e 3: Mutirão de construção da sede da ASAPAP.



Fonte: Registros de Dilmara S. Araújo, 2020.

A própria condução da vida comunitária traduz um valor, valor humano no sentido de uma atitude de resistência coletiva. Na localidade as pessoas ainda conseguem se orientar, entre outros modos, por meio da organização social⁵ coletiva para promoção do debate sobre os problemas da comunidade. Assim, acontecem reuniões em que são firmadas parcerias e apoios com entidades sociais, sindicatos, entre outros, a exemplo, a FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Há, ainda, a socialização de ideias e de aprendizado da própria história local e de como se organizar para as lutas que vão na direção de afirmar melhorias de vida bem como a resistência e a preservação da natureza no território. A seguir, mais algumas imagens dessas ações.

5 Esta forma coletiva é mediante a Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesãos do Pirocaba (ASAPAP) como entidade oficial da comunidade.

Foto 4 – Confeção de cartazes no encontro da ASAPAP.

Fonte: Registro de João Gomes. Arq.: Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada (2018, p. 21).

Foto 5 – Encontro da ASAPAP.

Fonte: Registro de Mylena Santana. Arq.: Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada (2018, p. 17).

3.5 As crenças

De modo geral, na Amazônia e no Pirocaba, uma referência dos habitantes diz respeito ao sagrado, à fé ou ao sobrenatural. Para o povo das águas, quase tudo se situa pelo intercâmbio homem-natureza, como a crença nos encantados, superstições e lendas. Suas decisões, por vezes, são baseadas na crença nos seres da natureza, algo sagrado. Isto é,

Quando a saracura canta na beira do rio, a maré vai lançar, ou seja, a água vai crescer. Quando canta dentro da mata, a maré vai quebrar, isto é, vai baixar. [...] Quando é verão e a gente pode observar uma roda ao redor do Sol, é sinal de que o inverno que virá será muito forte. Mas se essa roda aparecer ao redor do Sol no inverno, então o verão é que será forte. [...] O pássaro chicuã quando canta está anunciando alguma desgraça envolvendo pessoas de perto. [...] Pato cantando alegre no terreiro, sinal de que vamos receber uma visita (CPT, 2009, p. 9).

As crenças ou superstições destes homens e mulheres estão carregadas de observações e saberes, tais saberes são transmitidos entre gerações. Isso se verifica na crença do canto da

saracura relacionado com os ciclos das marés, e ainda, a observação do sol relacionado com a intensidade e período de verão ou de inverno.

E ainda, estas crenças estão ligadas à identificação e respeito aos avisos dos animais, sendo estes anunciadores ou canais de uma comunicação entre os nativos e os seres da floresta ou dos rios, como foi demonstrado pela interpretação do canto do pássaro chicuã anunciando uma desgraça ou o canto do pato que comunica a vinda de uma visita.

Ainda fazendo parte do repertório de crenças, há uma infinidade de lendas e mitos vinculados às matas e rios que traduzem a história no ciclo interligado humano-natureza amazônica cujos habitantes também são seres da natureza. A lenda da Cobra Grande, da Ilha da Pacoca, do Assobiador, da Mãe do rio são as mais conhecidas no Pirocaba e em comunidades vizinhas. Outra bastante conhecida em Abaetetuba é a do “O Menino que virou boto”, conforme narrativa citada em obra da CPT:

Era uma vez um menino do Quianduba⁶ chamado João Batista que gostava de tomar banho no rio a toda hora. Numa dessas vezes em que ele foi pro rio, ele viu boiar perto dele um boto. O boto se engraçou do menino, procurou brincar com ele e ficou amigo dele. O menino foi contar para seu pai que tinha um boto sempre querendo se aproximar dele, mas o pai não acreditou.

Noutro dia, o menino convidou o pai para ir tomar banho com ele no rio. O pai não queria aceitar, mas o menino insistiu até que seu pai foi.

O filho foi na frente e pulou logo na água. Depois o pai pulou atrás e percebeu que João Batista se afastava cada vez mais da beira. Então o pai o chamou, mas João não ligava para seu chamado. Foi então que o pai viu boiar um boto perto do menino e ficou desesperado. Nadou, nadou, mas quando estava mais perto o menino disse: ‘Adeus, Papai’. O pai, já desesperado, nadou mais tentando alcançá-lo, mas não teve jeito porque João Batista sumiu nas águas.

O pai, então, retornou ao seu barraco e, chorando, contou a seus familiares o que havia acontecido. Todos saíram à procura do menino. Já era 6h da tarde, escureceu e eles nada encontraram.

Um dia o pai de João Batista foi numa Mãe de Santo saber o que tinha acontecido com seu filho. Ela lhe disse que João foi encantado por um boto. E criticou o pai que não acreditou que João era médium.

Passados alguns dias o pai viu João Batista no mesmo lugar em que havia desaparecido. Por várias vezes apareceu para o pai que, por mais que se esforçasse não conseguia alcançá-lo. Depois começou a aparecer ao pai em forma de boto encantado toda vez que o pai ia tomar banho no rio (CPT, 2009, p. 21).

Por esta história, se confirma o crédito das pessoas nas crenças e nas divindades da natureza, como o boto encantado. O boto é um ser mítico, divindade do meio aquático, respeitado por pescadores e navegantes. Os/as ribeirinhos/as têm fé na natureza para explicar os fenômenos e acontecimentos de sua vida respaldando-se, várias vezes, em lógicas do sobrenatural como se pode entender na explicação do pai ao perder seu filho. Sobre essa

⁶ Rio que faz parte das ilhas do município.

questão Fraxe (2004, p. 20), explica “o caboclo busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo a mitos, lendas [...]”.

Os seres encantados que estão no plano do sagrado sob essas visões presentes em Abaetetuba, inclui também o Pirocaba, sendo que neste lugar estão presentes em formas distintas que perpassam a Pajelança, o Culto Afro-brasileiro e as Igrejas Católica e a Evangélica. Este aspecto por conta da brevidade do texto, não aprofundamos.

A criação

O homem trabalha, modifica e cria a partir da mediação com a natureza, tomando a afirmação de Karl Marx em “O Capital” (1983). Os ribeirinhos e ribeirinhas do Pirocaba são nativos da Amazônia e da comunidade, estes são os *que andam ou vivem pelos rios ou ribeiras*, sendo o trabalho desenvolvido por eles ligado ao espaço-tempo ribeirinho, logo estes criam os meios, artefatos, saberes e estruturas, em suma, produzem lógicas próprias que dão sustentação à sua perpetuação nos lugares.

Voltamos, novamente, ao início deste escrito, para retomar a questão da natureza alicerçada pelo entendimento de Brandão (2015, p. 43), ao afirmar a relação da natureza com a cultura, no sentido de que “[...] a cultura é o mundo que transformamos da natureza, em nós, à nossa volta e para nós”. Reiteramos: o ser humano cria e transforma a natureza, se transforma em mediação com a natureza e a cultura. É produtor de visões de mundo, como parte do seu construto cultural. Sua ação perpassa por várias dimensões da vida e de suas próprias produções, isto é, este age na criação de códigos, de signos e de saberes-fazeres. Age na criação de materiais, artefatos etc.

O povo ribeirinho do Pirocaba e de outras comunidades em constituição histórica criou meios de comunicação característicos do seu grupo, são meios voltados aos contextos em que os sujeitos se encontram e na inter-relação entre a comunidade e suas visões de mundo, conforme consta na cartilha da CPT: “O povo ribeirinho das Ilhas de Abaetetuba como caboclo amazônida que é, tem um modo todo seu de falar. Muitas de suas palavras são de origem tupi e demonstram a resistência desse povo” (2009, p. 10).

Sobre esse repertório criativo e cultural dos sujeitos amazônidas são recorrentes os vocábulos e suas significações, conformando uma linguagem cabocla ribeirinha, são exemplos as palavras:

Aricá: Paneiro rústico feito de cipó traçado; Atorar: Cortar, decepar; Baquiado: Indisposta, com saúde abalada; Buiado: Estar bem de vida; Cambar: Dobrar, fazer uma curva; Camueca: Preguiça, embriaguez, mortinha, cansaço; Disque: Dizem que (CPT, 2009, p. 10).

Também, em Abaetetuba, se pratica a arte criativa de transformar matéria-prima oriunda da natureza em alimento, bijuteria e outros materiais, através dos recursos que estão nos espaços das águas e da floresta. Dois exemplos são ilustrativos do que estamos falando aqui: os produtos do açaí e do cacau, sendo os dois tratados de modo artesanal na comunidade. O açaí que se bebe passa pela técnica do branqueamento e, em seguida, é amassado à mão ou em máquinas para finalmente se obter o vinho. Do cacaueiro⁷, após sua colheita, se retira as sementes e amassa com água para obter suco; posteriormente as sementes são levadas ao sol para secar durante três a quatro dias. Feito isso, o processo que se segue é a *torra* das sementes em fogo brando, em seguida se descasca e tritura no pilão ou liquidificador. Como resultado se tem o pó para a feitura de guloseimas.

O brinquedo de miriti é outra arte ribeirinha, presente no Pirocaba e no município, inclusive a cidade possui também o status de ser a maior produtora e exportadora desta arte que gera o sustento para várias famílias. A matéria-prima são as fibras extraídas do braço de buritizeiros que servem para a confecção dos brinquedos diversos como barcos, animais e outros artefatos como flores, casas, gaiolas, molduras de quadro etc.

Também, estes utilizam outras fibras da natureza com as quais são produzidos utensílios de uso nas localidades ribeirinhas como os paneiros, matapis, tipitis, aricás, abanos, redes etc. Para ilustrar, os paneiros fundos ou rasos são feitos com talas e servem para colocar sementes, alimentos, raízes e até mesmo para armazenar roupas ou prender animais. São inúmeras a sua utilidade, a depender do ato criativo do homem e da mulher que residem no campo.

Para o meio aquático, são produzidos os seguintes artefatos que servem de apoio ao trabalho. São exemplos, o caniço, o remo, o pari, o espinhel, matapi, embarcações diversas, redes de pesca. Vejamos o uso do matapi. Estes homens e mulheres das águas preparam cedo a isca⁸, logo após, com a maré cheia, saem entre os rios armando a captura dos camarões que são atraídos pelo cheiro da isca e ficam presos no utensílio, normalmente no outro dia com a maré vazante são retirados d'água.

Para a locomoção pelos rios, furos e igarapés, as mulheres e homens ribeirinhos usam embarcações que são as rabetas, os cascos e outros, estes são próprios para suportar as maresias ou tombos na água. Enquanto no meio terrestre ainda se utiliza da madeira, da palha para construção de suas casas.

⁷ Nome científico, *Theobroma cacao*.

⁸ É uma poqueca feita com ração de farelo e babaçu amarradas em sua tala.

O certo é que a produção e vivência dos/as ribeirinhos/as da comunidade Pirocaba e de outras comunidades de Abaetetuba são construídas levando em conta a subsistência familiar e, por vezes, o sentido coletivo da comunidade. Ou seja, evidencia-se a integração do humano com a natureza do lugar.

Dessa forma, podemos asseverar que existe um modo de vida que se perpetua com o saber, com as relações sociais e ecológicas que situam a localidade. Sobre o saber em teias culturais retratadas nas dinâmicas do contexto que segue o texto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trazemos aqui os saberes que também situam as práticas sociais dos moradores. Nesse caso, são fazeres, vivências, trocas nos espaços de várzea, de terra firme, de beira de praias, de igapós, igarapés, furos e rios. O saber é produzido pela e com a cultura. Saber local, vivo e partilhado por todos como regras de condutas, visões de mundo, isto é, um saber cultural operante.

Sendo o saber local um dos eixos de análise e um elemento fundante da prática social no contexto dessa comunidade ribeirinha, convém esclarecê-lo. O saber diz respeito às “[...] tarefas de produção da vida física, os homens aprendem a criar a vida simbólica”; trata-se do “[...] produto do homem sobre si mesmo - a cultura” (BRANDÃO, 1997, p. 08). No meio social, os saberes são repassados, transmitidos, socializados pelos sujeitos, e circulam dentre e para além da cultura na qual estão inseridos.

O saber se coaduna como mencionamos com a produção de existência e a construção cultural própria, uma espécie de autoafirmação com o lugar, o que remete à sua identidade, suas crenças e valores descritos acima.

São saberes que vêm sendo acumulados ao longo do tempo, sendo transmitidos de geração em geração, através da prática da oralidade e da produção da cultura e são expressos pelo pensar, agir e fazer dos pirocabenses. O pensamento de Arroyo (1999) é uma forma de síntese do que estamos tratando aqui: “Outro traço cultural seria o predomínio da oralidade no convívio, nas relações sociais, na transmissão dos saberes, das tradições, da memória, das identidades, dos aprendizados” (ARROYO, 1999, p. 20), no sentido da vida do/a ribeirinho/a, seu relacionamento com a natureza, sua história e sua ancestralidade amazônica.

Na obra de Brandão (2015) “Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura”, tratada nas reflexões deste texto, o autor discorre acerca da cultura humana em três dimensões

que são: o agir, o fazer e o pensar, as quais utilizamos para pensar sobre os saberes, consequentemente, a produção de existência do povo ribeirinho.

Nesta obra, o autor discorre afirmando que o agir está imerso em todas as sociedades e diz da lógica de pensamento de todo ser humano. Para explicá-lo, o autor exemplifica com o cultivo da mandioca como comida, inclusive, trata de um plantio e produção conhecida na cidade de Abaetetuba-PA e na própria comunidade do Pirocaba. Diz ele, “Existem em todas as sociedades preceitos reunidos em códigos ou gramáticas sociais que prescrevem quem, em que local, sob que condições pode plantar, deve cuidar e pode arrancar do solo e levar para sua casa raízes de mandioca” (p. 114). Isto para dizer que o agir se relaciona com o contexto social e um plano lógico de aprendizado conduzindo as decisões e atitudes das pessoas que fazem parte daquele grupo, o agir nesse caso se remete a um saber.

Na comunidade do Pirocaba, os moradores utilizam praticamente esta mesma lógica no cultivo e plantio não só da mandioca, mas também no extrativismo do açaí. Precisamente, na colheita do açaí os moradores obedecem a algumas regras lógicas ditadas pela natureza, assim o tempo da colheita ocorre basicamente entre os meses de agosto a outubro; enquanto a preparação do açaizal ocorre noutro período que não coincide com a época da safra. Ou seja, por aqui também as pessoas são ditadas por tempos, momentos, regras e normas associadas à própria natureza amazônica, e que tais sujeitos desses contextos internalizam como saber e transmitem no dia a dia.

No que se refere ao fazer, o autor, ainda seguindo com o exemplo do cultivo da mandioca, assinala que:

Podemos dizer que esta é a esfera em que uma criança aprende com sua avó como se arranca a mandioca da terra; como se descasca cada pedaço aproveitável da raiz, e como, com outros ingredientes simples, se prepara um prato de mandioca-frita (BRANDÃO, 2015, p. 114).

Partindo desse pensamento, podemos afirmar que o cultivo e a degustação da mandioca pressupõem um fazer. Pressupõem um saber-fazer no sentido de uma ação prática ou pragmática, subordinada a regras que ditam como se desenvolve tal coisa ou ação. O autor confirma o saber essencialmente imerso no fazer.

Ainda, tomando o exemplo da extração do açaí, o fazer que envolve este fruto passa pelas mãos que tecem a peconha, pelos pés que sustentam a subida (uma técnica) no açazeiro, além de outros atributos que envolve a debulhagem e a preparação do vinho. Na vivência de um morador da comunidade, todo esse fazer, da *apanhação do açaí*, aconteceu

por distintos momentos de tentativas e erros, repetições e comandos, aprendendo com adultos experientes. Podemos dizer que aprendeu brincando, tentando, praticando.

Foto 6 – Criança apanhando açaí



Fonte: Registro de Luiz Amaral, 2021

Por último, temos a dimensão do pensar que Brandão (2015) explica do seguinte modo:

Através de nossos gestos cotidianos um sistema cultural opera. Basta você prestar atenção ao que se come todos os dias e, também, em dias especiais, para observar que não ‘comemos comida’, mas alimentos. E não nos ‘alimentamos apenas de alimentos’, mas de símbolos que partilhamos também através do que comemos e do que nos alimenta (p. 114-115).

Pode-se extrair o entendimento de que há um saber operante sobre os grupos sociais, isto é, as pessoas formulam e trocam saberes, até porque, segundo o autor, o ser humano é uma fonte inesgotável de saber.

Voltando à experiência com o manejo do açaí, e sob a lógica de Brandão (2015) na dimensão do pensar, vemos que essa prática é um saber do povo ribeirinho, partilhado e atualizado, e que perfaz tal dimensão. Para nós, amazônidas, muitas das lembranças da infância estão ligadas com o açaí, nas rasas dentro dos ônibus ou embarcações, nas bandeirolas vermelhas de venda ou no simples ato de se alimentar regado desse fruto. Das palmeiras do açazeiro nos quintais com os muitos cachos. O fato é que, para nós paraenses, o açaí integra a cultura local.

Esses exemplos e lembranças são extratos do que se vive, ainda hoje, grande parte das crianças e de adultos com o açaí. Denotam uma realidade cultural do povo paraense,

abaetetubense e pirocabense, obviamente que com distinções. Mas ainda são extratos de formas de transmissão de saberes, da ancestralidade amazônica perpassada por gerações, disseminando um tipo de aprendizado desde a infância. São saberes locais que se inscrevem na história de vida e que, de certa forma, são associados à prática do pensar.

Buscando aprofundar as três dimensões fazer, agir e pensar que perfazem a construção do saber, expresso na obra de Brandão (2015), trazemos mais alguns apontamentos sobre o saber ribeirinho da comunidade pesquisada. Nesse sentido, reafirma-se a ideia de cultura, da natureza, do cotidiano ribeirinho, enquanto marcadores de produção pelos/as moradores/as, principalmente no tocante à reprodução do saber e dos seres humanos como seres que protagonizam tais saberes.

Saber agir

O saber agir faz referência aos códigos, a regras, a preceitos sociais dos/as ribeirinhos/as, os quais ditam o tempo, quem, onde, como, para quem, com que finalidade etc.; determinado agir deve ser empregado ligado ao contexto de águas. Diz respeito ao domínio da natureza e suas interfaces sociais, laborais, recreativas. O saber agir é construído a partir da vivência, da experiência, da observação, do manuseio ou do contato com o meio natural e social. Um exemplo, é o domínio de operar com as marés, maresias, áreas de praias e pontes para fazer uma travessia em uma rabeta do rio Pirocaba até a orla da cidade. Também se encaixa o domínio das estações para a colheita e o plantio; o tempo para a criação e a caça de animais; o local mais apropriado para a pesca com matapi. Então, saber agir em um contexto de rios exige conhecer da geografia territorial local que compõe os rios, os caminhos de águas, os atalhos na mata, os tipos de solo, como exemplos.

Territórios ribeirinhos como o Pirocaba ainda prevalece o aprendizado vinculado à oralidade, pelo diálogo e troca, são processos sociais que ocorrem no dia a dia que pessoas experientes (normalmente os anciãos) ensinam e oralizam suas experiências de fazer, de agir e de pensar com os mais novos. Suas formas de abordagem se apoiam em explicações, exemplos, metáforas, histórias, fatos.

Um outro agir costumeiro e aprendido como condição para se viver ali é o das travessias. Travessias dizem respeito aos deslocamentos nos espaços entre águas dentro ou fora da comunidade (de uma margem a outra, entre trapiches casa-escola, de uma localidade até a beira/feira da cidade, de uma beirada de casas à outra etc.), regido por um plano lógico, o da temporalidade das águas conforme mencionamos. Porque existe toda uma obediência às características dos espaços-tempos para fazer as travessias, pois no rio o comando é da água rasa, dos troncos de árvores submersos, e o/a morador/a precisa conhecer toda essa

adversidade geográfica e do ambiente natural, para fazer a opção do transporte adequado, as rabetas, rabudos, cascos ou outro tipo de barco. E o aprendizado deste saber circula por meio de explicações orais dos adultos com outros adultos e, também, com os pequenos durante um percurso. Isto nos mostra que:

[...] Durante quase toda a história social da humanidade, a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção. Ali os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem (BRANDÃO, 1997, s/p.).

Nesse trecho, o autor afirma novamente a existência de uma pedagogia própria e do povo, anterior aos ensinamentos da escola e esta realidade evidencia a circularidade do saber e pela cultura. São protagonizadas lógicas de ensinamentos e de aprendizados pautados no agir cotidiano, associado à observação, repetição e diálogo. Saberes que circulam entre gerações, em grupos com idades distintas. Julgamos que estes saberes se inscrevem em um currículo prévio à escola e é essencial para a sobrevivência e perpetuação no espaço das águas e matas do Pirocaba ou outro espaço semelhante a este.

Saber fazer

Diz respeito à prática, à técnica, o manejar e o próprio ato de fazer, pôr a mão na massa, como se diz costumeiramente. Trata do fazer e agir sobre e, por vezes, com o acompanhamento técnico de uma pessoa mais experiente. Na comunidade do Pirocaba são presentes o saber fazer em técnicas laborais como do manejo do açaí, formas artesanais de pesca, da carpintaria naval, formas de caçar.

Vamos contextualizar a caça como um saber fazer. Caçar inclui algumas características específicas aprendidas através da prática, o que normalmente acontece é ensinado por familiares e no espaço da floresta. Nesse espaço, o silêncio e os movimentos corporais precisam ser cuidadosamente pensados, os cheiros do animal devem ser sentidos nos troncos das árvores ou em suas copas. Ainda, é exigido atenção aos movimentos do animal e sobre as trilhas com suas pegadas deixadas na mata. As armadilhas postas para captura dos animais são, normalmente, produzidas com recursos naturais retirados da natureza, sendo seu esconderijo/camuflagem devidamente em comunicação com aquele espaço natural. Estes fazeres são próprios de uma caçada, ocasião que também são transmitidos, isto é, durante a caçada, usando do diálogo, de exemplos, da tentativa e do erro.

O saber fazer requer ação prática por meio de regras do fazer, técnica, domínio de habilidades específicas. Leva-se em conta o aprendizado em mediação com *lócus* em que o sujeito está inserido. Ainda, acontece de modo informal como uma maneira de ensinar-e-aprender⁹.

Foto 07 – Crianças remando



Fonte: Registro de Luiz Cleibson F. Amaral, 2020.

A imagem acima evidencia claramente o saber fazer entre duas crianças, sendo que a mais experiente ensina os comandos do remar a sua irmã mais nova, que vai aprendendo. Esta é uma prática comum por aqui, figurativa do brincar de remar no rio.

4.1 Saber pensar

O saber pensar volta-se às visões de mundo, às lógicas e sentidos transmitidos em determinado grupo através de um sistema cultural, o qual opera sobre estes. Em um plano geracional, o saber pensar corresponde ao arcabouço de saberes acumulados pelos ancestrais e imersos na convivência em um grupo social. Sua propagação se dá por meio das relações sociais, do fazer e do agir no cotidiano da vida, em circulação de representações e costumes adotados no lugar. Trata-se da cultura pulsante, externalizada e compartilhada no cotidiano. Brandão (2015, p. 90) contribui com esse entendimento em termos mais claros:

O que existe como cultura são teias e tramas ordenadas e ordenadoras de significados e de orientação da conduta das relações entre os homens e a natureza e entre categorias de homens, entre eles. Vividas e realizadas em diferentes ordens de transações e reciprocidade.

O autor reafirma a ideia da cultura como parte de um plano que ordena e orienta a conduta humana, a qual se reflete nas relações da e na vida, ou melhor, é um conjunto de

⁹ Brandão (2007) propõe a grafia e o sentido cuja perspectiva é acentuar as relações complementares, associadas e coletivizadas que prescindem esse movimento de formação.

saberes normativos que orienta a vida e suas relações com a natureza e com os outros, as pessoas.

Faz parte do saber pensar na contextualidade ribeirinha o ato de tomar açaí no almoço e jantar, comer com farinha de mandioca; o dormir em redes; tomar mingau de açaí ou miriti/buriti; usar paneiros para guardar, armazenar ou ornamentar a casa. Tais ações costumeiras elucidam convicções de um modo de vida, isto é, representam um pensar comum do caboclo amazônico, especialmente em comunidades rurais e ribeirinhas como o Pirocaba. Este saber pensar diz das singularidades de uma localidade, seus processos identitários e da cultura desta região, embora haja aproximações com outros lugares.

No Pirocaba, o saber pensar bastante evidente são as formas potenciais pensadas e promovidas pelas organizações sociais, precisamente as conduções realizadas pela ASAPAP. Culturalmente, os moradores se organizarem para discutir problemas comuns que afetam a todos e, nesse momento, são confrontadas e aprendidas visões de mundo, de direitos, de como agir em prol da resistência pelo território. E ainda, por parte de lideranças religiosas eles se organizam para celebrar a fé, as conquistas familiares e do lugar, os matrimônios. Como morador e participante desse movimento, um dos autores deste artigo afirma que na comunidade existe uma permanente luta conjunta para que nossos direitos sejam legitimados, um marco que diferencia a comunidade de outras.

Em uma visão mais esclarecedora, estes saberes do fazer, do agir e do pensar são formas naturais e operantes, lógicas próprias e singulares, modos de vida e de produção enraizados pela ancestralidade amazônica, pela cultura local de povo ribeirinho do Pirocaba em sua diversidade. Estão imergidos na maneira como os sujeitos estabelecem suas inter-relações com as diversas gerações, com os antepassados, com o afro-paraense e o abaetetubense nesse atual meio social, e que transversalizam a cultura da localidade no cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto o intuito foi problematizar a natureza do município de Abaetetuba-Pa, mais especificamente, a região ribeirinha, situada a partir da comunidade do Pirocaba. Assim, trata-se de um lugar margeado pelos cursos d'água composto de variedades naturais e de produções sociais por sujeitos ditos 'ribeirinhos' cujas práticas formam um todo da cultura local e regional. A partir de suas construções, buscamos refletir acerca dos saberes do povo das águas, que perfaz a vida tradicional do povo ribeirinho. Neste espaço se encontra um

grupo de homens e mulheres, de idosos, crianças e jovens que não só habitam como também mantêm uma profunda inter-relação de trocas e que estão presos dinamicamente com a natureza e toda sua diversidade ancestral, ecológica e produtiva. Como consequência dessa inter-relação de conexão margeada às beiras e demais espaços dos rios, dinamizam potenciais saberes, um saber próprio, contextualizado, vivo e de grande significância para a perpetuação da vida humana e das espécies nessa região ribeirinha.

De outro modo, a natureza da comunidade Pirocaba tem aproximações com a natureza do município, cujo espaço se apresenta com uma variedade natural diversa e múltipla, sendo a diversidade evidenciada pelo campo da região e da própria cidade. Assim, os elementos cultura, natureza e saber sustentam o grupo de habitantes desse lugar, e com uma profunda expertise com as águas, com trocas e dependências com a natureza do lugar de modo geral. Habitantes imersos na riqueza da cultura local e no saber que é reproduzido no cotidiano da produção da vida.

Tal entendimento se coaduna com a afirmação de Brandão (2015, 2007) na formulação acerca do ambiente e da cultura, do educativo e informal em dimensões do saber/pensar/agir, narradas pelas vozes e vivências, bem como pelas conceituações do autor ao longo do texto. Ou seja, em bases teóricas associamos com algumas interações das práticas tradicionais da comunidade pesquisada.

Tais dimensões nos ajudaram a pensar uma noção mais estruturada acerca da constituição, transmissão e circularidade do saber. Constatamos o quanto os saberes estão imersos em lógicas, condutas, fazeres, ações e na cultura local, produzida por esses sujeitos. Constatamos que os saberes se misturam, que estão em rede, isto é, se interligam dando sentido, vivacidade e inscrevendo a história do Pirocaba. Saberes que não são fixos, mas se complementam entre si, o que segundo Brandão (2015, 2007), tais dimensões evidenciam a configuração do saber na vida da comunidade e tal distribuição de raciocínio, do agir, fazer e pensar abarcam segmentos distintos da vida ribeirinha e expõem modos de vida inscritos em seu viveres, margeados.

O agir alinhado às lógicas, o fazer na ordem da ação e o pensar inscrito na produção de valor, perfazem três dimensões que são parte da cultura e da sedimentação dos saberes. Mais, nos dirigimos a dizer um pouco do que Brandão *et al.* (2006, p. 05, grifos do autor) consideram ser:

- Técnicas do fazer, como as tecnologias diretas do trabalho produtivo, de que são exemplos o arar um campo, o ordenhar uma vaca, ou o fazer um queijo com o seu leite;

- técnicas do agir, como os sistemas patrimoniais de preceitos e princípios da ação social produtiva, tais como os que estabelecem a gramática das relações entre familiares, parentes e vizinhos camponeses no processo do trabalho cotidiano;
- ideologias do trabalho, como os diferentes sistemas de fundamentos legitimadores de percepções/compreensões das relações sociais da produção (ideologia da prática econômica) e das relações sociais a elas associadas ou delas derivadas, com foco sobre aqueles que embasam e legitimam os relacionamentos entre sociedade e meio ambiente;
- visões de mundo, como sistemas mais amplos e integrativos do que ideologias parciais e que as integram, de que são bons exemplos as religiões populares.

Entendimentos como estes do autor sintetizam nossas reflexões em relação ao conhecimento deste povo das águas, apresentados no decorrer deste artigo. Em suma, entendimentos acerca da cultura, dos saberes e da natureza do Pirocaba experienciados por ciclos de convivência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M; FERNANDES, B. (Org). **Educação básica e o movimento social do campo**. Nº 2. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 1999.

ASAPAP, Associação dos Agroextrativistas, Pescadores e Artesões do Pirocaba. Coordenação Comunitária de Consulta Prévia, Livre e Informada. **Protocolo de Consulta Prévia, Livre e Informada**. Abaetetuba: Fase Amazônia, 2018.

BRANDÃO, C. R *et al.* **Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais do Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais**. In: II Encontro de Grupos de Pesquisa: Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações socioespaciais. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia/Minas Gerais, 2006.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Rev. Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, jan. /jun. 2007. p. 11-27.

BRANDÃO, C. R. **Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura**; São Paulo: Cortez, 2015.

BRANDÃO, C. R. **A comunidade tradicional**. In: COSTA, J. B. A. OLIVEIRA, C. L. [org.] *Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roxeamos*. p. 367- 380. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012.

BRANDÃO, C. R. **O processo geral do saber** (a educação popular como saber da comunidade). In: *Educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 14-26.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária – Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA, 2006.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária**. Abaetetuba/PA, 2009.

FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2009.

MACHADO, J. **O município de Abaetetuba**: Geografia Física e dados estatísticos. Abaetetuba: Edições Alquimia, 2008.

MARX, Karl. **O capital**. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

POJO, E. C. T. Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA. 243 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP, 2017.

POJO, E. C. T. *et al.* As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. Abaetetuba. **Revista Margens**. v. 08, p. 176-198, Ago/2014.

Entrevistas

Entrevistada 1. [Dulcilene B. Ferreira]. [nov. 2021]. Entrevistador: Luiz F. Amaral. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Entrevistada 2. [Dilmara S. Araújo]. [nov. 2021]. Entrevistador: Luiz F. Amaral. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Entrevistado 2. [Luiz F. Amaral]. [nov. 2021]. Entrevistadora: Eliana Pojo. Abaetetuba, PA, 07 nov. 2021, 15 min.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

AMARAL, L. C. F.; TOUTONGE, E. C. P.; PEREIRA, R. C. Modos de Vida Margeados por Saberes e pela Cultura Rural-Ribeirinha na Comunidade do Pirocaba, Abaetetuba, Pará. **Rev. FSA**, Teresina, v. 20, n. 5, art. 4, p. 77-100, mai. 2023.

Contribuição dos Autores	L. C. F. Amaral	E. C. P. Toutonge	R. C. Pereira
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X